

erin watt



COROA  
MANCHADA

UM ROMANCE DA SÉRIE THE ROYALS

*Tradução*  
Regiane Winarski



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Erin Watt, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Título original: *Tarnished Crown*  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Laura Folgueira  
*Revisão:* Elisa Martins e Franciane Batagin Ribeiro  
*Diagramação:* Futura  
*Capa:* adaptada do projeto gráfico original de Meljean Brook

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Watt, Erin  
Coroa manchada / Erin Watt; tradução de Regiane Winarski. – São Paulo: Planeta, 2020.  
176 p.

ISBN 978-65-5535-153-8  
Título original: *Tarnished Crown*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Winarski, Regiane

20-2710

CDD 813.6

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação  
01415-002 – São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# Capítulo 1



GIDEON

— Por que eu concordei em vir? — resmungo enquanto olho para a sala cheia. A festa é igual a cem outras a que já fui desde que, com catorze anos, descobri como pegar um carro na garagem do meu velho. A música é um pouco melhor, pois a fraternidade pagou um DJ de verdade, mas a cerveja é medíocre, e as “paradinhas” também.

— Porque tem bebida de graça e mulheres gostosas. De que outro incentivo você precisa? — responde Cal Lonigan, um dos meus colegas da equipe de natação.

— Foi uma pergunta retórica.

— Você reparou nas gatas? Se não estiver meia-bomba, o que tem na sua cueca morreu. Tem mais de dez motivos bem ali. — Cal aponta a cerveja na direção de um grupo de garotas.

São todas iguais para mim. Cabelão armado, vestidos curtos e sapatos amarrados nos tornozelos. Acho que minha irmã postiça disse o nome disso. Sandálias gladiadoras? Sandálias lutadoras? Porra, e por acaso me interessa?

Não. Não me interessa. Parei de me interessar há um tempo, já.

Entrego minha cerveja para Cal.

— Eu passo.

— Passa? — repete ele, incrédulo. — E aquela? A asiática no canto é ginasta. Eu soube que ela consegue curvar o corpo até ficar no formato de um pretzel.

Desde quando alguém quer trepar com um pretzel?

— Passo longe.

— Estou preocupado com você, cara. — Ele leva a garrafa até a boca, acho que para impedir que as pessoas que leem lábios consigam entender o que ele está dizendo. — Dizem por aí que você não molha o biscoito há um tempo. Esse seu menino aí encolheu pra sempre, é?

Abro a boca para explicar ao Cal que não é esse o problema, mas decido não falar nada. Ele foi exposto a cloro demais quando era bebê e seu funcionamento cerebral foi afetado. Isso não pode ser usado contra ele.

— Que bom que você nada bem e é bonito, Cal. — Dou um tapinha nas costas dele.

— Você me acha bonito — diz ele com voz aguda. Com os olhos arregalados, ele olha em volta para verificar se alguém ouviu. — Olha, cara, você também é bonito, mas sabe que essa não é a minha praia, né?

— Sei — respondo. — Bom, vou cair fora. Esta festa está...

É nessa hora que a vejo.

O cabelo escuro é liso e brilha muito. O rosto está pintado, com um esfumado nos olhos azuis, e acentua os lábios curvos. É a máscara que ela usa desde que me deu o pé na bunda. A que diz que ela está com raiva do mundo e pronta para descontar em algum pobre coitado.

Não sei com quantos caras ela transou desde que me disse que ia me magoar da mesma forma que a magoei, mas sei que não curtiu nenhuma vez. Como poderia, se o corpo dela pertence a mim, como o meu pertence a ela?

— Quem é a gata pra quem você está olhando? — pergunta Cal com curiosidade.

— Se tocar nela, você morre, Lonigan — rosno.

E saio andando para descobrir o que Savannah Montgomery está fazendo naquele buraco de fraternidade quando deveria estar destruindo os sonhos dos calouros da Astor Park Prep.

Um Sigma chega nela antes de mim. Ele levanta o cotovelo acima da cabeça de Savannah e tenta roçar nela antes que ela consiga sair da porta.

Eu o seguro pelo ombro.

— Seu irmão Paul está te procurando.

O babaca de camisa polo e expressão vazia me olha sem entender.

— Paul?

— Peter, talvez? Parker? Ele é dessa altura. — Estico a mão na altura do meu queixo. — Tem cabelo louro.

— Você quer dizer Jason Pruitt?

— Deve ser. — Dou um empurrão não muito gentil no cara, para longe da Savannah.

— Tenho que ir resolver isso. — O babaca pisca para a minha garota. — Mas não deixa esse lugar ao seu lado esfriar. Eu volto.

— Quem é Paul? — diz uma voz ao meu lado.

Porra, Cal. Eu me viro.

— O que você está fazendo?

— Eu tinha que ver o que chamou a atenção do poderoso Gideon Royal. — Ele estica a pata gigante na direção da Savannah. — Cal Lonigan. Pode me chamar de Longo.

Ela aperta a mão dele e a segura por bem mais tempo do que eu gostaria.

— Longo? É um daqueles apelidos que descrevem o oposto da realidade?

Trinco os dentes. É um milagre ainda ter algum esmalte neles. Estou trincando os molares desde que nos conhecemos.

— Que nada. A propaganda é totalmente real. O Royal pode confirmar. Nós somos da mesma equipe de natação. — Ele

se inclina para beijar os dedos dela. — Agora, princesa, pra onde posso te levar pra mostrar como meu apelido é real?

— Ela é menor de idade — digo.

— Não sou, seu babaca. — Sav puxa a mão. — Tenho dezoito anos. E dezesseis é a idade do consentimento neste estado, como você sabe muito bem.

— Vá embora, Cal. — Eu me recuso a chamá-lo de Longo. — Essa é minha. Você conhece as regras.

Savannah me fuzila com o olhar.

— Eu não sou sua.

Cal suspira.

— Tudo bem. Tudo bem. Mas a próxima é minha.

Não tiro os olhos da Sav.

— É, está bem.

— Não sou um pedaço de carne, Gideon — diz ela com rispidez. — Você não pode me escolher como se eu fosse um peru numa caçada.

Ignoro a reclamação porque uma coisa bem mais importante precisa ser esclarecida.

— O que você está fazendo aqui?

Ela sorri, mas parece estar sofrendo.

— Estou fazendo uma visita à faculdade. Acho que vou estudar na State.

Metade de mim se alegra. A outra metade se revolta. Eu já me odeio; preciso mesmo ver um lembrete de por que sou um ser humano infeliz me seguindo pelo campus? Não. Não preciso.

— Você não acha que vai ser um sofrimento estudar na mesma faculdade que eu?

— Por quê? — pergunta ela friamente. Se eu não a conhecesse tão bem, poderia ter sido enganado, mas há um brilho de mágoa por trás do aço nos olhos dela.

— Nós dois sabemos por quê. Nós vamos nos matar. — Não importa a distância ou quantas pessoas colocamos entre

nós, ainda há uma atração. Não podemos negar nosso passado e nossa ligação, ainda que tentemos. Mas, quando estamos juntos, provocamos uma dor imensurável um no outro.

— Eu já estou morta. Você devia saber. Foi você quem enfiou a faca no meu coração. — Ela passa por mim, uma onda de calor sufocante e aroma cítrico, e é rapidamente engolida pela multidão de alunos que encostavam os corpos suados uns nos outros.

— Cara, acho que ela não gosta muito de você. — Meu colega de equipe aparece atrás de mim, um olhar seco no rosto.

— Você é um verdadeiro estudante do comportamento humano, Cal.

— Só estou falando. Quando foi que você enfiou essa tal faca? Se é que posso perguntar?

— Quando você acha? — respondo, procurando-a, mas está escuro demais e ela não quer ser encontrada. — No ensino médio.

\* \* \*

## TRÊS ANOS ANTES

— Último ano, G. A gente vai arrasar — grita Hamilton Marshall III, mais conhecido como Três, do teto solar do meu carro.

A namorada dele, Bailey, o puxa pela perna.

— Senta, idiota. Você vai acabar decapitado.

Ele desce do teto solar com relutância.

— Só vou me sentar por sua causa, gata. Se minha cabeça fosse arrancada, você passaria o resto da vida atormentada, e não quero isso pra você. Nem pra você, G. — Ele estica a mão para dar um tapinha no meu ombro.

Ao lado dele, Bailey ri com deboche.

— Rá! Sonho seu. Gideon e eu nos consolaríamos e esqueceríamos que você existe.

— Diz que não é verdade, G. — Três bate com a mão no peito, cheio de drama. — Você não faria uma coisa dessas.

— O código dos manos vale para o túmulo? — Só estou brincando. Eu preferiria cortar a mão fora a tocar na garota do Três.

— Eu cuido de você, gata — diz meu irmão Reed do banco do passageiro. Ele é tão preguiçoso que não abre os olhos nem levanta a cabeça do apoio.

— De jeito nenhum. O código dos manos existe até no céu, de onde vou estar observando vocês três. — Três aponta dois dedos para os olhos e os vira na direção dos bancos da frente.

— Então você está dizendo que quer que o amor da sua vida e o seu melhor amigo sejam infelizes pelo resto da vida só porque você foi idiota a ponto de botar a cabeça para fora do teto solar quando esse melhor amigo estava dirigindo a cento e trinta por hora? — pergunta Bailey.

— Cento e quarenta — corrijo.

— Cento e quarenta — repete ela.

Três franze a testa.

— Não foi isso que eu falei.

Reed dá um sorrisinho debochado.

— Então você ia querer que a gente se consolasse. Você ia querer que Gideon me fizesse ter os melhores orgasmos da minha vida porque você quer o melhor pra mim — diz Bailey.

Escondo o sorriso. Bailey carrega as bolas do Três dentro da bolsa Prada.

— Bzzzz. Tempo. — Três faz um sinal de T com as mãos. — Meu limite é você ter orgasmos ótimos com meu melhor amigo, mesmo que eu esteja morto. Não vou conseguir apreciar a vida após a morte se você estiver aqui apreciando o pauzão do Gezão.



Tudo bem, só uma trepada, então.

— De um estranho é melhor?

— Definitivamente. O que quer dizer que Reed está fora da jogada também.

Reed levanta um dedo de reconhecimento no ar.

— Você devia ficar com alguém, Gideon. É mais seguro — diz Bailey.

— Como?

— Primeiro, porque aí você não vai mais fazer a panela da concorrência ferver. Já é bem ruim Easton estar em Astor agora. Vocês três estão atrapalhando a vida da população feminina. Segundo, é mais saudável ter um relacionamento. Não tem preocupação com IST nem com uma garota qualquer furar a camisinha de propósito. Né, Três?

— Isso mesmo, gata. Bailey está tomando pílula há um ano.

— A maioria das garotas toma — diz Reed, ainda sem abrir os olhos.

— E Abby Wentworth? — sugere Três.

— Argh, não — protesta Bailey.

— Qual é o problema da Wentworth? — pergunto, olhando para Reed. Ele que estava com ela na festa da Jordan Carrington algumas semanas antes. — Ela parece legal.

— Claro que ela parece legal aos seus olhos. É uma daquelas garotas que são sempre fofas e delicadas perto dos garotos, mas, se você a encontra sozinha, ela é mesquinha e manipuladora. — Bailey franze o nariz. — Pior, qualquer uma é malvista se reclamar dela. Como se tivéssemos inveja, sei lá.

Três segura a lateral da cabeça da Bailey e a puxa para um beijo.

— Não se preocupe, gata. Você não precisa ter inveja de nada.

— Eu sei disso — diz Bailey, fazendo carinho na cabeça dele como se ele fosse um bom cachorrinho. — E a Jewel Davis? Ela é bem razoável.

— Parece uma chata — responde Reed.  
Tenho que concordar com isso.  
— Não quero sair com ninguém do meu ano. As separações acabam ficando complicadas depois.  
— Aff. Tudo bem. — Ela se solta da mão do Três e cruza os braços.  
Ele me olha pedindo socorro. Odeia quando ela se irrita.  
Eu suspiro.  
— Qual é o plano pra hoje? — pergunto.  
Bailey se anima.  
— Vamos nos encontrar no Rinaldi's às nove e tomar sorvete.  
— Combinado.  
— Tenho compromisso — diz Reed.  
Compromisso, aham. Ele provavelmente vai pras docas brigar.  
— Eu vou — garanto a Bailey antes que Três me lance outro olhar de súplica.  
Bailey pega o celular e começa a enviar mensagens de texto para chamar as amigas todas.  
— Algum pedido específico? Emilia, Sasha, Jeannette?  
— A Jeannette não está com o Dan Graber? — pergunta Três. — Eu vi os dois se agarrando na festa de Corner Mill no píer no fim de semana.  
— É mesmo? Eu nem fazia ideia. — Ela escreve uma coisa no celular. — E as garotas Montgomery?  
— Garotas? Achei que era só a Shea e não, obrigado.  
— Tremo.  
— Qual é o problema da Shea? — pergunta Bailey.  
— Ela anda com a Jordan Carrington. Prefiro cortar o pau fora pra não ter que enfiar em alguém daquele grupo.  
— Eu não sabia que você achava isso da Jordan. Tudo bem que ela é uma cobra escondida na grama, mas eu não

imaginava que os homens viam algo além dos peitos e da bunda perfeita dela.

— Ei, e eu? — protesta Três. — Fui eu que contei que ela passou a mão em mim na aula de Educação Física. Ainda estou traumatizado.

Três tem um metro e noventa e cinco e parece feito de tijolos. Ter medo da pequena Jordan Carrington é piada. Ele vai estudar em Louisville com bolsa de estudos integral para jogar futebol americano. Bailey, claro, também se matriculou lá. Ela tem que proteger seu investimento.

— É por isso que você me tem, gato. — Ela bate no ombro dele. — Agora vamos voltar à lista de convidados. Sim ou não pras Montgomery?

— Você que sabe. Não faz diferença pra mim. — Não quer dizer que vou transar com qualquer uma daquelas garotas. — Pode convidar quem você...

É nessa hora que a vejo.

## Capítulo 2



SAVANNAH

TRÊS ANOS ANTES

Quando o Range Rover preto entra no estacionamento da escola, seguro o braço da minha irmã.

— Ai, está machucando — grita ela e se solta da minha mão.

Eu quase caio. Apressadamente, me ajeto.

— Ele está vindo — sussurro, arrumando o cabelo.

Shea puxa a minha mão.

— O que falei hoje cedo? Fica tranquila. As garotas se jogam em cima do Gideon Royal cem vezes por dia. Se você quer se destacar, precisa agir como se ele não existisse pra você, senão vai acabar sendo uma das muitas suplicando por migalhas. — Ela suspira. — Meu Deus, que constrangedor.

— Então vai embora — respondo pelo canto da boca. Ela ficar do meu lado me criticando não está ajudando muito minha autoestima fraca.

— Eu não posso ir embora. Tenho uma reputação pra sustentar e não vou deixar que você me derrube. — Ela encaixa o braço no meu. — Agora, sorria, pra todo mundo pensar que a família Montgomery se ama.

— A gente se ama, sua babaca. Além do mais, quero ficar atrás das câmeras, não na frente — observo, lembrando a ela minhas ambições de direção e escrita.

— Tanto faz. — Mas ela chega mais perto de mim, e o encorajamento mudo diminui minha ansiedade para um nível suportável.

Gideon está dirigindo, como sempre. Reed está com ele hoje, mas não sei quem são os dois no banco de trás.

— Quem está com o Gideon? — pergunto.

— O Três e a namorada dele, Bailey — diz Shea com um sorriso falso enquanto acena para um grupo de garotas à esquerda. Ela beija as bochechas delas sem encostar e abraça algumas delas de leve, nada próximo demais para que as roupas não fiquem amassadas nem a maquiagem manchada.

Mas agora, entendo. Hoje cedo, gastei uma hora passando umas mil camadas. Só meus lábios estão com três cores diferentes. “Degradê está na moda”, Shea falou. Vi um vídeo no YouTube repetidamente por cinco horas para conseguir o efeito. Com certo constrangimento, aperto os lábios, o que me faz ganhar uma cutucada na lateral do corpo.

— Você vai estragar o batom — murmura minha irmã.

Abro os lábios.

— Agora você parece um peixe.

Fecho os lábios.

Shea suspira.

— Isso não vai dar certo. Ah, merda.

— O quê? — Olho para meu uniforme. Está manchado? As minhas meias até os joelhos estão tortas?

— Isca à direita. Sorria — ordena ela. — Bom dia, Jo! Tali!

— Shea! — Duas garotas se aproximam, os saltos estalando na calçada.

— Jo! Amei seu casaco. É da... J. Crew? — pergunta Shea, o sorriso falso aumentado.

Tali e eu ofegamos ao ouvir o insulto.

Jo aperta os olhos.

— Você anda passando tanto tempo com as casuais que não reconhece mais uma marca de qualidade? É da Fendi!

— Ela segura o pulso da Tali. — Vamos. Não gosto de andar perto da lata de lixo.

Jo sai andando, arrastando Tali atrás.

— O que foi isso? — pergunto. A confusão acabou antes mesmo de começar, e não sei quem saiu por cima.

— Cabeça erguida. Lá vem a vítima — responde Shea. — E isso foi um ato pra te livrar da concorrência. Jo está doida pra tirar a calça do Gideon desde que descobriu o que é um pênis.

— Ah. Há, obrigada... — Pelo jeito, minha irmã venceu. Que batalha estranha.

Ela funga de leve.

— Quer pegar o tubarão? Então tem que se livrar das iscas todas. — Ela balança a mão para cumprimentar o Gideon. — Bom...

Mas uma garota chega aos Royal antes que Shea consiga chamar a atenção do Gideon.

— Ah, Deus, ela não — murmura Shea com desdém.

“Ela não” é Jordan Carrington. Se a Astor Park (ou, como gosto de chamar, Asco Park) é cheia de predadores, Jordan é uma das maiores ameaças que há. Shea me disse que, no segundo dia de aula, Jordan arrumou briga com uma das formandas mais populares, Heather Lange. As duas se agrediram, gritando xingamentos que me deixaram tensa, e eu nem estava lá.

Heather Lange saiu da Astor depois do dia de Ação de Graças e nunca voltou. Aparentemente, o pai dela perdeu o emprego e não conseguiu mais pagar as mensalidades. Não liguei Jordan à saída de Heather, ao menos até o sermão esquisito que meu pai deu em Shea e em mim sobre sermos legais com Jordan Carrington.

“Por quê?”, eu me lembro de perguntar.

“Porque ela é uma pestinha arrogante e vingativa, e o pai come na palma da mão dela.”

Desde essa época, Shea passou a fingir que é Deus no céu e Jordan na Terra, então não vai falar nada sobre as roupas, as bolsas ou os sapatos de Jordan. E definitivamente não vai interromper o ataque carnívoro dela aos garotos Royal.

— Bom dia, Gid. Reed — cantarola ela.

— Que vaca. — Shea segura meu pulso e sai me arrastando. — Vamos.

Firmo os pés.

— Não. Por quê?

— Não adianta desafiar a Jordan. Deixa quieto e vamos ver qual Royal ela deixa livre.

— Não. — Eu me solto da mão dela. — Não estou interessada em qualquer Royal. Quero o Gideon.

Shea bate os pés.

— Isso aqui não é um restaurante. Não dá pra entrar e pedir um deles do cardápio.

Eu olho para ela de cara feia.

— Não é isso que a Jordan está fazendo? Decidindo qual Royal ela quer?

— Você não é a Jordan.

— Não sou mesmo, mas não acordei às cinco da manhã e passei duas horas fazendo chapinha no cabelo e passando maquiagem pra desistir antes mesmo de ter a oportunidade de me apresentar. — Cruzo os braços sobre o peito.

Shea solta um suspiro enorme.

— Tudo bem, mas se a Jordan vier atrás de você, eu nem te conheço. — Ela ergue o queixo, puxa o blazer e abre o melhor sorriso já visto.

— Você parece estar no concurso de Miss Bayview.

— Cala a boca e sorri, idiota — diz ela sem mover os lábios. — Eles estão vindo pra cá.

Eu me viro e quase caio. Ela tem razão. Gideon está a poucos metros. Tão perto que consigo admirar a camiseta grudada embaixo da camisa de botão aberta e do blazer do uniforme.

Três está dizendo alguma coisa, e Gideon ri. A lateral da boca está curvada para cima. A namorada do Três bate no braço dele. Gideon esconde a gargalhada levando a mão ao nariz, mas Bailey o ouve rindo e dá um tapa de leve. Gideon a segura e a puxa para debaixo do braço.

— Meu Deus, que sortuda. — Suspiro.

— É — concorda Shea.

Nós duas vemos Três soltar Bailey do braço de Gideon, dizendo alguma coisa fingindo raiva enquanto Gideon levanta as mãos com inocência. O tempo todo, Jordan anda ao lado do grupo, só com Reed dando o mínimo de atenção a ela.

Talvez Jordan não seja concorrência, afinal. Gid não parece nem um pouco interessado nela. Meu Deus, como ele é lindo. Os raios do sol parecem o seguir, criando uma iluminação incrível para o corpo perfeito. Eu poderia ficar olhando para ele todo o...

Uma mancha aparece na minha linha de visão.

— Oi, Shea — diz a mancha. — Quem é essa?

Estico o pescoço em volta da mancha, mas a mancha se move junto. Com a testa franzida, olho para o maxilar quadrado de Aiden Crowley, do último ano, e seus dois seguidores, Debi e Loide.

— É a minha irmã. — Shea joga o cabelo por cima do ombro. — Savannah, este é Aiden Crowley.

— É, eu sei. Prazer. — Estico a mão enquanto ainda tento olhar para o Gideon. Merda, ele vai passar direto por causa desse imbecil do Aiden.

Nem reparo direito quando Aiden segura meus dedos e chega perto de mim.

— Uau. A pequena Savannah Montgomery, toda crescida. Na última vez que te vi, posso jurar que você estava de aparelho e... seu cabelo está diferente?



— É incrível o que uma chapinha e um pouco de maquiagem fazem. — A doçura carregada de veneno pertence a Jordan.

Fico paralisada quando ela para na nossa frente. Ela abre um sorriso assustador cheio de dentes para mim, que só aguento porque o Gideon também parou.

— Pena que fede a caloura — comenta Jordan. — Nem um frasco de perfume bom consegue disfarçar.

— Nós todos já passamos por isso — repreende Bailey.

— Mas Jordan sempre teve cheiro de rosas, né? — diz Aiden.

— *Até parece* — diz Gideon, disfarçando com uma tosse na mão.

Jordan olha de cara feia para Gideon e passa o braço pelo de Aiden.

— Se você diz, Addy.

*Addy?* Arqueio a sobrancelha para Shea, que me cutuca na lateral de novo. Droga. Como vou ficar com a coluna reta se ela fica fazendo isso? Eu a empurro para o lado de leve, para ninguém reparar.

Uma risada abafada chama minha atenção. Levanto o rosto e vejo Gideon sorrindo para nós.

— Dá pra ver que vocês são parentes — comenta ele. — Me lembra meus irmãos e eu.

— É, bom, é difícil de conviver, mas as mães dizem que não podemos matar os irmãos. — Estico a mão e mexo no cabelo da minha irmã.

— Para. — Ela bate na minha mão e me olha com cara de quem vai me matar.

— É, irmãs mesmo. Irmãos e irmãs não são a melhor coisa do mundo? — Gideon pisca.

Meu coração explode.

— I-íncriveis — gaguejo.

Ao meu lado, Shea geme. Todo mundo sorri. Todo mundo, menos Jordan.

Ela revira os olhos e encaixa o outro braço no de Gideon.

— Vamos, pessoal — diz ela, levando o grupo para longe de nós. — Estou pensando em dar uma festa e queria saber se vocês podem me dar umas dicas do quanto precisamos de bebida. Contei que meu pai está trabalhando com o agente do Kendrick Lamar? Quem sabe a gente consegue que ele venha cantar no Baile de Outono.

Gideon se anima.

— Kendrick Lamar? Seria irado, Jordan.

— Né? As músicas dele são muito interessantes. — O resto da conversa é baixa demais para eu e Shea ouvirmos.

— Ela conhece mesmo o Kendrick Lamar? — me pergunto em voz alta.

— Talvez. Quem sabe? — Shea se vira e ajeita a gola do meu blazer. — Você foi bem quase até o fim. Tente falar frases completas quando estiver perto do Gideon. Ninguém quer sair com uma idiota.

Minhas bochechas ficam quentes.

— Obrigada, Shea.

Ela ignora meu sarcasmo e faz carinho no meu rosto.

— De nada. Vamos entrar.

Nós nos viramos para ir atrás de Jordan e dos Royal. No pé da escada, encontramos Jordan parada sozinha, digitando alguma coisa no celular.

Quero passar direto sem falar nada. Na minha opinião, não há necessidade de cutucar a onça, mas Shea para.

— Ei, Jordan.

Jordan levanta um pouco a cabeça, mas não o suficiente para nos olhar, só para indicar que percebeu nossa presença.

— Shea, manda sua irmã enfiar a língua de volta na boca. Ela estava babando nos sapatos do Giddy.

— Vou passar a mensagem — responde Shea secamente, me puxando para a escada antes que eu possa dizer algum insulto.

— Giddy? — pergunto com incredulidade quando a porta da escola se fecha atrás de nós.

— Dá vontade de vomitar — concorda Shea. — Mas as coisas são assim. Jordan está no topo. Não crie antagonismo com ela, senão você vai se ferrar.

Asco Park está sendo o pesadelo que achei que seria. Passo a mão pelos cachos esticados.

A escola tem algumas centenas de adolescentes das melhores famílias do sul. E por melhores quero dizer as que têm mais dinheiro. Mas, mesmo aqui, existe hierarquia. Tem o dinheiro antigo, de família, cujas origens ninguém gosta de admitir. E tem o dinheiro novo, que muitas vezes também tem origem suja. E tem os alunos com bolsa, que estão tentando arrumar um casamento com gente rica ou criar seu próprio legado horrível. Basicamente, todo mundo aqui está tentando ferrar os outros.

É assim desde o fundamental II. Acho que foi quando comecei a reparar que dava para nos destacar dos outros com base na proximidade da família ao Mayflower e sua tripulação, que colonizou os Estados Unidos.

Shea e eu somos de uma família de novos ricos com dinheiro vindo da indústria e não de terras, como os Royal. Não sobraram muitas famílias com dinheiro antigo, pelo menos não que ainda tenham dinheiro. Acho que é por isso que tantas garotas se empolgam com os cinco irmãos Royal. É uma oportunidade de melhorar a árvore genealógica.

Não é esse o motivo para eu estar apaixonada por Gideon Royal. E também não é por ele ser lindo. Não que o corpo alto, musculoso e o cabelo escuro sejam desagradáveis, mas não é por isso.

É porque Gideon Royal, com toda sua fama de frio, foi gentil comigo em um momento em que eu precisava muito. Nunca vou esquecer aquele momento. Ele roubou meu coração naquela ocasião e sempre vai ser dono dele.

Agora, tenho um ano com ele para descobrir como conquistar o dele.